

## Análise comportamental de atiradores em escola e *bullying*

### Behavioral analysis of school shooters and bullying

Karinan Timóteo Khozam<sup>1</sup>, Carmen Silvia Molleis Galego Miziara<sup>2</sup>,  
Ivan Dieb Miziara<sup>3</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v27i2p75-83>

---

Khozam KT, Miziara CSMG, Miziara ID. Análise comportamental de atiradores em escola e *bullying*. Saúde, Ética Justiça (Online). 2022;27(2):75-83.

**RESUMO:** Atiradores em massa nas escolas, ou *school shooters*, são autores de um fenômeno raro, mas com grande impacto midiático. Sem explicações simplistas nem perfil único que possa prever suas ações, a motivação do agressor é incerta e suas vítimas, aleatórias, na maioria. Por meio de revisão narrativa de literatura, foram abordados diferentes aspectos referentes ao comportamento dos atiradores e a relação intrínseca com o *bullying*. Os resultados mostraram um padrão evolutivo de entendimento. Os primeiros estudos mostraram uma relação entre o comportamento agressivo do atirador em escolas e as vivências sofridas de solidão, desamparo e incompreensão, quase que vitimizando os autores. Estudos mais recentes não excluem o *bullying*, mas abrem as possibilidades para outros fatores aditivos que merecem ser analisados pelos responsáveis parentais e escolares.

**DESCRITORES:** Bullying; Armas; Escolas; Violência; Crime.

---

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Legal, Bioética, Medicina do Trabalho e Medicina Física e Reabilitação, São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-5398-8378>

<sup>2</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Legal, Bioética, Medicina do Trabalho e Medicina Física e Reabilitação, São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-4266-0117>

<sup>3</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina, Departamento de Medicina Legal, Bioética, Medicina do Trabalho e Medicina Física e Reabilitação, São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7180-8873>

**Endereço para correspondência:** Carmen Silvia Molleis Galego Miziara. E-mail: [carmen.miziara@hc.fm.usp.br](mailto:carmen.miziara@hc.fm.usp.br)

## INTRODUÇÃO

“A violência escolar é um fenômeno global que afeta o *core* das instituições da sociedade moderna em algum grau, e em praticamente todos os estados-nação”. Essa frase foi proferida por Akiba et al., 2002<sup>1</sup>, mostrando que os tiroteios escolares não representam apenas um ato de violência direta, mas também um manifesto simbólico.

De acordo com o Federal Bureau of Investigation (FBI), os atiradores escolares apresentam perfis semelhantes: geralmente são pessoas solitárias e são motivadas exclusivamente pela vingança; o acesso facilitado às armas favorece esse tipo de crime, o que o torna uma epidemia<sup>2</sup>. Mais adiante iremos discutir que essa afirmação não é compartilhada por outros estudiosos dos aspectos sociais e psicológicos dos atiradores. A divergência é mais incisiva quanto ao perfil solitário do atirador.

Estudo realizado em 2004 analisou 18 ocorrências de tiroteio em escolas de cidades pequenas dos Estados Unidos da América (EUA), e Katherine Newman concluiu, em seu livro *Rampage: The Social Roots of School Shootings*, que os atiradores não eram solitários, mas viviam à margem da sociedade. A autora ainda salienta que em cidades pequenas viver fora do contexto social é muito mais tenso e doloroso, podendo ser a “sentença de morte” de jovens, mesmo entre aqueles que estão inseridos em ambientes sociais<sup>3</sup>.

A preocupação com os tiroteios escolares não é recente; desde o início da década de 1970 os tiroteios em escolas de ensinos fundamental, médio e superior têm sido contemplados mais de perto pela sociedade americana. Estatísticas de *sites* governamentais, como o *Active Shooter Incidentes* do Federal Bureau of Investigation (FBI), referem que entre 2019 e 2021 houve aumento no número de incidentes escolares com atiradores. No período correspondente a 2019 e 2020, o aumento foi de 33%, passando para 52% entre 2020 e 2021, correspondendo ao aumento de 97% em relação a 2017<sup>4</sup>.

Dados do *Washington Post* mostraram que mais de 311 mil crianças de 331 escolas americanas vivenciaram alguma forma de violência com emprego de armas desde o evento ocorrido em Columbine, em 1999<sup>5</sup>. Talvez tenha sido esse o massacre que mais mobilizou a mídia e a sociedade como um todo por ter sido praticado por alunos e dentro da escola que frequentavam.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2002, estabeleceu que o termo “causas externas” fosse substituído por “violência e saúde” na Classificação Internacional de Doenças e Agravos (CID)<sup>6</sup>, dando ênfase ao estabelecido em 1980 em que violência nas escolas e

fora dela era problema de saúde pública. Muitos estudos passaram a investigar os principais gatilhos de desajustes mentais suscetíveis à prática da violência, e muitos deles apontaram o *bullying* como importante fator<sup>7</sup>. Atualmente, a compreensão desse fenômeno não aponta o *bullying* como principal ou, menos ainda, o único fator desencadeador do crime; entretanto, apesar de inúmeras questões estarem envolvidas, subestimar o *bullying*, certamente, é impróprio.

A Agência Senado, em publicação sobre “Violência nas escolas: especialistas reforçam a importância do acolhimento de estudantes”, publicada em 8 de junho de 2022, mostrou que, em 2019, 54% dos professores relataram ter sofrido agressão, e 81% dos estudantes declararam ter presenciado episódios de violência na escola<sup>8</sup>. Mostrando que a violência nas escolas é um grave problema, pois ela deveria ser o local de proteção e não de incertezas e ameaças. Por esta razão, muitos estudiosos se debruçam em buscar os possíveis fatores de risco evitáveis e, assim, conter esse crescente fenômeno que é a violência nas escolas. Estudos mais antigos reforçam as teses da associação de *bullying* e violência nas escolas<sup>9</sup>.

Este estudo tem por objetivo descrever, por meio de revisão narrativa de literatura, as influências das bases socioculturais como reforço ao *bullying* e sua associação com tiroteios escolares, assim como mostrar quais os entendimentos atuais a respeito dos atiradores em escola.

## MÉTODOS

Estudo de revisão narrativa de literatura desenvolvido no Centro de Ciências Forenses do Departamento de Medicina Legal, Bioética, Medicina do Trabalho e Medicina Física e de Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Como suporte metodológico, foi realizada pesquisa em artigos publicados sobre o tema e obtidos nas principais bases de dados, sem limite de tempo de pesquisa, mas incluindo apenas os artigos obtidos na íntegra, em idiomas português, inglês e espanhol. Capítulos de livros também foram incluídos, desde que disponibilizados eletronicamente, assim como *sites* de instituições oficiais (*Federal Bureau of Investigation; Centers for Disease Control and Prevention*, Organização Mundial da Saúde; Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, Ministério da Saúde do Brasil, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e artigos jornalísticos, como o jornal *O Estado de São Paulo* e *Washington Post*. As buscas adotadas nas bases de dados de livre acesso foram PubMed, Science Direct, Google Acadêmico e Capes Periódicos. E os descritores: *Bullying, School; Violence; Crime; Firearms*. Por se tratar de revisão narrativa de literatura, os artigos selecionados obedeceram a ordem de importância em relação ao tema desenvolvido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### **Bullying**

O *bullying* assumiu grande destaque como sendo um dos principais estopins de violência nas escolas. Para podermos realizar uma abordagem crítica sobre quais são os fatores que estão envolvidos no contexto de atiradores em escolas, iremos desenvolver uma abordagem histórica do *bullying*.

### **História do bullying**

Embora a prática do *bullying* seja corrente em várias sociedades há séculos, ela passou a ser mais ressaltada nos meios social e científico a partir dos anos 1969, quando três jovens suecos praticaram o suicídio após serem vitimizados por colegas. O interesse de pesquisadores em relacionar o *bullying* com o suicídio cresceu progressivamente, especialmente quanto à tentativa de compreender o fenômeno e seus impactos.

Uma importante pesquisa foi iniciada na Escandinávia (Estocolmo, Suécia), com 900 meninos, descrevendo o comportamento denominado de *mobbing*, termo este aplicado por Heinemann, em 1969, para explicar o contexto de discriminação racial, o qual foi extraído da publicação de Konrad Lorenz, em 1963 e 1968. Lorenz se referiu ao *mobbing* como a ação de estudantes ou de soldados que se uniam contra uma determinada pessoa ou de grupos de animais contra outra espécie animal<sup>10</sup>.

Nos anos de 1990, o Ministro da Educação japonês apelou para os estudantes do ensino fundamental e médio que não levassem faca à escola. Em 1996, o Japão sediou o Simpósio Internacional sobre *bullying*, quando especialistas de mais de 20 nações, entre elas, Holanda, Noruega, Inglaterra e Austrália, mostraram resultados de pesquisas a respeito do assunto, incluindo informações sobre medidas de contenção do *bullying* escolar<sup>1</sup>. Desde então, o tema passou a ser foco de muitos debates em áreas médicas, sociais e políticas.

### **Terminologias do bullying**

O termo *mobbing*, a princípio aplicado para destacar esse tipo de violência, foi desconsiderado por Olweus, pois, *mob* era utilizado por psicólogos sociais para se referir a um grande grupo de pessoas (multidão, massa) reunido com um objetivo comum. Portanto, o emprego de *mobbing* poderia desvirtuar o significado do fato, mesmo com as diversas subdivisões dadas ao termo: “*aggressive mob (the lynch mob) and the panic-stricken mob (the flight mob)*”. Diante de sua experiência, Olweus passa a aplicar o termo *bullying*<sup>10</sup>.

*Bullying* é uma palavra de origem do anglicismo *bully*, que significa persecutor ou localizador de lutadores. O final *ing* indica em inglês “a ação de”. Portanto, o termo *bullying* é ação direcionada intencionalmente à pessoa

ofendida e intimidada (*bully* ao agressor ou agressores)<sup>11</sup>.

### **Definição de bullying**

*Bullying* pode ser considerado quando as crianças ou os adolescentes são importunados continuamente por outros com o mesmo poder ou com alguma forma de superioridade, seja ela “física ou por nível social”<sup>12</sup>. Para Olweus, trata-se de assédio pelos pares que ocorre em ambiente escolar.

A definição dada por Olweus. para *bullying* ou vitimização. foi: “um aluno está sendo intimidado ou vitimado quando ele ou ela é exposto ou exposta, repetidamente e ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais alunos”<sup>11</sup>. O autor ainda salienta que para haver *bullying* é necessária a assimetria de força (poder), tornando o aluno incapaz de impor a defesa, tornando-se impotente diante do agressor ou agressores.

Dan Olweus, em 1978, publica o estudo *Aggression in the schools: Bullies and whipping boys. Bullies and Whipping Boys*, caracterizando três aspectos relativos ao *bullying*: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder, e, desta forma, ele se diferencia dos outros tipos de violência.

Assim, o *bullying* faria parte de um “subconjunto de comportamentos agressivos destinados a infligir dano ou desconforto a outro”<sup>10</sup>.

### **Prevalência do bullying**

De acordo com dados da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), 2021, é estimado que 246 milhões de crianças e adolescentes em todo o mundo sofram *bullying* regularmente, representando que um em cada três alunos foi vítima de *bullying*. Essas taxas parecem estar aumentando em muitos países, pelo uso desenfreado das redes sociais e da tecnologia digital<sup>13</sup>.

Estudo levantou dados em 43 países da Europa, Canadá e EUA sobre *bullying* em crianças e adolescentes com idades entre 10 e 15 anos. Os resultados mostraram que a variação das taxas de *bullying* entre os países foi de 1% a 36%, e de vitimização, de 2% a 32%. Os autores concluíram que esta significativa variação pode ser explicada pela aceitabilidade dessa violência de acordo com os fatores culturais dentro da sociedade, pelos diferentes métodos de análise e pelos moduladores como sexo e idade<sup>14</sup>.

No Brasil, uma pesquisa realizada pelo Ministério da Educação, em 2019, mostrou que cerca de 43% dos estudantes brasileiros relataram ter sofrido algum tipo de *bullying*, como intimidação verbal, física ou psicológica. Mais de 13% dos adolescentes brasileiros (um em cada dez) foram ameaçados, ofendidos e humilhados nas redes sociais ou nos aplicativos eletrônicos, sendo que esta porcentagem supera os 16% em vítimas do sexo feminino<sup>15</sup>.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2019, avaliou respostas de alunos de escolas públicas e particulares acerca de relacionamento interpessoal na escola. A maioria das alunas (61,9%) e dos alunos (61,2%) responderam que não tinham sido submetidos a maus-tratos por outros colegas. O estudo mostrou que os alunos de forma geral tiveram menor taxa de satisfação nas escolas públicas (59,7%) em relação aos alunos de escolas particulares (72,6%). Estes resultados sugerem que o ambiente escolar na rede pública é mais insalubre que o de escola particular. As principais referências a tratamentos insatisfatórios entre alunos foram as ofensas verbais com intenção de humilhar ou intimidar. Vinte e três por cento dos entrevistados relataram que no mês que antecedeu à pesquisa foram vítimas de ofensas em duas ou mais ocasiões, sendo que as mulheres (26,5%) foram as mais afetadas, em comparação aos homens (19,5%); não houve diferença percentual entre as escolas públicas e as particulares. Os motivos do *bullying* foram relacionados à aparência do corpo (16,5%) ou do rosto (11,6%) e à cor ou à raça (4,6%)<sup>16</sup>.

### **Bullying sexo e idade**

Os meninos são as vítimas mais envolvidas no *bullying*, mas a diferença entre meninos e meninas é inferior a 10%. Considerando o sexo da pessoa que pratica o *bullying*, os meninos assumem a ponta, independentemente da idade. De acordo com estudos realizados por Olweus, 50% das crianças entre 8 e 9 anos são vítimas de *bullying* praticados por crianças mais velhas, existindo relação inversamente proporcional entre a idade e a vulnerabilidade ao *bullying*; ou seja, quanto mais velha a criança, menos intimidada ela será demonstrada pela queda de prevalência entre 11 e 15 anos<sup>17</sup>.

O amadurecimento tende a desenvolver habilidades emocionais mais estáveis, culminando com redução na taxa de *bullying* por volta dos 13 anos de idade ou a partir da oitava série<sup>11</sup>. Analisando 568 alunos, Olweus concluiu que cerca de 9% deles sofreram *bullying* (52 mil) e 7% praticavam atos de intimidação de maneira regular, e 1,6% de todos os analisados tanto praticou o *bullying* como foi vítima.

### **Formas de prática de bullying<sup>18</sup>**

**Física** – como qualquer outra violência, esta prática de *bullying* é a mais facilmente identificável: bater, empurrar, etc.

**Verbal** – aplicação intencional de termos degradantes, humilhantes e depreciativos, objetivando subjugar e intimidar a vítima.

**Relacional/social** – disseminação de boatos e informações mentirosas e caluniosas visando a exclusão social da vítima.

**Cyberbullying** – tem as mesmas conotações da verbal e da relacional, mas a forma de divulgação das informações caluniosas e depreciativas é por meio da tecnologia, seja por computador, telefones celulares e redes sociais. O objetivo do agressor é o *cybervisual* da imagem vítima.

Na estrutura do *bullying*, é possível ter a vítima, o agressor ou agressor-vítima (tanto agressor como vítima); a relação entre a vítima e o agressor pode ser igual, considerada desta forma como *bullying* entre pares, mas pode ocorrer entre membros do núcleo familiar (*bullying* entre irmãos)<sup>19</sup>.

### **Cyberbullying**

O *cyberbullying* é um subtipo mais novo, mais destacado a partir de 2004, de *bullying* que pode se somar às formas mais “tradicionais”, como a física ou verbal direta ou indireta<sup>20</sup>. Em 2005, Nancy E. Willard, citada por Freire et al., 2013, categorizou o *cyberbullying* em<sup>21</sup>:

*Flaming* – mensagens insultuosas, muito perturbadoras, acerca de uma pessoa, enviadas para um grupo online, ou para a própria pessoa, através de e-mail ou outros meios.

*Online harassment* (assédio online) – envio repetitivo de mensagens ofensivas, via e-mail ou através de outros mecanismos de envio de mensagens de texto.

*Dissimulação* – fazer passar-se por uma outra pessoa e deixá-la ficar mal.

*Outing* – enviar ou publicar informação privada, embaraçosa ou sensível sobre outra pessoa.

*Denigração/humilhação* – envio de revelações falsas, lesivas e cruéis sobre certa pessoa para outras, ou publicação desse material online.

*Exclusão* – excluir cruelmente alguém de um grupo online.

*Cyberstalking* – perseguição no ciberespaço – assédio, incluindo ameaças de danos ou intimidação.

O envolvimento do *cyberbullying* pode ocorrer de três maneiras diferentes, segundo Giumetti e Kowalski, 2022: (1) vitimizar por *cyberbullying* ou ser o destinatário de mensagens eletrônicas danosas; (2) perpetração de *cyberbullying* ou iniciar ataques de comunicações eletrônicas negativas vindas de outra pessoa e que poderiam ser evitadas ou; (3) sendo expectador ou testemunha de *cyberbullying*<sup>20</sup>.

O *cyberbullying* sob a forma de difamação pela *internet* tem como agravante a dificuldade ou até a impossibilidade de identificar o autor da ação, tornando esta forma mais nociva que o *bullying* “tradicional” devido à velocidade de difusão de informações com grande alcance de pessoas em minutos. As vítimas mais contumazes dos meninos são as meninas entre 10 e 13 anos (60%).

### **Cyberbullying na ótica da legislação criminal brasileira**

O *cyberbullying*, à luz do Código Penal, está expresso dentre os crimes contra a honra. No Artigo 138 está incluído o crime de calúnia, seria a imputação de fato falso a alguém. No parágrafo primeiro do artigo consta: “na mesma pena incorre quem, sabendo falsa a imputação, a propala ou divulga, e no segundo, que ainda é passível de penalização a calúnia contra a pessoa falecida. Dessa forma, a agente causador do delito pode cumprir detenção de seis meses a dois anos. Quanto à difamação, Artigo 139, imputação a alguém “fato ofensivo à sua reputação “o agressor pode cumprir pena de detenção de três meses a um ano. O crime de injúria, menor potencial de penalidade, é a ofensa à dignidade e decoro a alguém, artigo 140<sup>22</sup>.

Em 2021, a Lei nº. 14.132 alterou o Código Penal acrescentando o Artigo 147 – A que trata da perseguição “Perseguir alguém, reiteradamente e por qualquer meio, ameaçando-lhe a integridade física ou psicológica, restringindo-lhe a capacidade de locomoção ou, de qualquer forma, invadindo ou perturbando sua esfera de liberdade ou privacidade”. Portanto, passou a ser outro crime relacionado ao *cyberbullying*<sup>23</sup>.

### **Violência armada nas escolas**

Embora a violência armada nas escolas não seja frequente, quando ocorre, ela desencadeia um processo de comoção social e de enorme preocupação de familiares, de alunos, de gestores e de todas as instituições governamentais. Iniciaremos este tópico mostrando um fato ocorrido nos EUA, em 1957, que não envolveu armas de fogo, mas agressões físicas e verbais contra adolescentes afro-americanos impetradas por alunos, pais de alunos, governante e policiais.

Voltando ao verão de 1957, a violência na escola mostrou sua face racista e segregadora quando nove adolescentes afro-americanos desafiaram o preconceito racial da época ao se matricularem na escola pública de Little Rock, Arkansas. Esse fato gerou reações acerca dos direitos civis dos americanos, pois a Suprema Corte dos EUA, em *Brown versus Board of Education*, havia decidido que a segregação escolar era inconstitucional. Os nove alunos, no segundo dia de aula, foram atacados com pedras e gritos racistas pelos alunos e por seus pais, inclusive o prefeito designou 270 soldados para impedir a entrada dos nove alunos. Foi preciso a mobilização do presidente americano, Dwight D. Eisenhower, mas mesmo após intensa discussão, os alunos somente conseguiram frequentar as aulas a partir do 18º dia e somente entrando na escola pela porta lateral. Em discurso, Eisenhower se manifestou “Será um dia triste para este país se os alunos puderem assistir às aulas com segurança apenas sob a proteção de guardas armados”<sup>24</sup>.

O caso ocorrido no Arkansas foi um ato violento

dentro da escola, mas com motivação racista, mas entre atiradores em escolas não é habitual este tipo de motivação. Muitos eventos mortais acontecem nas escolas e fora delas sem significar tiroteios em escolas. Em 20 de abril de 1999, dois adolescentes mataram 12 alunos da Columbine High School utilizando armas de fogo e depois cometeram o suicídio. No caso, os dois atiradores, Dylan Klebold e Eric Harris, demonstravam anormalidades comportamentais prévias aos crimes, por meio de redações detalhando o plano mortal que se consolidou meses após.

Em 14 de dezembro de 2012, um atirador matou 20 crianças e seis adultos na Sandy Hook Elementary School, em Newtown, Connecticut; esse massacre despertou debates a respeito do controle de arma. O estudo realizado pelo movimento *Everytown for Gun Safety* ([www.everytown.org](http://www.everytown.org)), da Bloomberg, iniciou rastreamento de incidentes de tiroteios em escolas. Foram listados 361 tiroteios em escolas e faculdades entre 2013 e 2018, com 105 feridos e 25 mortes<sup>25</sup>.

Pesquisa mostrou que um terço dos alunos de escolas americanas de ensino médio acredita que convivem em ambiente escolar com alunos potencialmente violentos e capazes de reproduzir o que ocorreu em Columbine, em 1999, e 40% dos pais entrevistados consideraram a escola um local muito seguro e metade considerou a escola algo segura, conforme Nagy e Daniz, 2000, citados por Borum, 2010<sup>26</sup>.

Como uma maneira de desmistificar o grande risco de violência armada nas escolas após Columbine, o *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC) publicou que no mesmo ano do tiroteio de Columbine, 2.500 jovens entre 5 e 19 anos foram assassinados fora das escolas e 9.700 morreram em acidentes<sup>27</sup>.

Para Newman, citada por Christensen, 2005<sup>3</sup>, os tiroteios em escolas são muito valorizados pela imprensa, fato que amplifica sua verdadeira importância em relação aos outros atos de violências nas escolas. A autora cunhou o termo *rampage school-shooters* para abordar a amplitude desse fenômeno. Conforme ela afirma, os tiroteios em escolas podem ser analisados sob de cinco aspectos:

1. o atirador pode ter um alvo inicial, mas depois abre disparos aleatoriamente;
2. o ataque é em instituições como a escola e em sistemas com uma “ordem hierárquica dos adolescentes”;
3. a escola é escolhida como sendo o “coração” das pequenas comunidades;
4. o cenário é geralmente rural ou suburbano; e
5. os atiradores são meninos brancos.

Os atos armados violentos que acontecem nas escolas são, em grande parte, centrados no *bullying*, como descrito anteriormente, o que é considerado como

uma visão simplista, mostrando que os agressores, em geral, são alunos solitários, marginalizados e excluídos pelo grupo social escolar e, desta forma, são vitimizados constantemente e procuram por meio de ataques armados a vingança<sup>26</sup>. Recentemente, os estudos estão dissociando o *bullying* do tiroteio em escola, sendo que o *bullying* é apenas um dos diversos fatores de influência, tais como os sintomas de traços de personalidade narcísica, a depressão, a falta de empatia, a crise de masculinidade, a homofobia e os traços culturais que estimulam comportamentos agressivos e competitivos<sup>28</sup>.

Danos psicológicos, transtorno comportamental, sintomas depressivos, comportamento desafiador, transtorno de conduta podem ser sinais de alerta, e em geral estão descritos como presentes em atiradores de escola.

A relação entre *bullying* e atiradores de escolas deve ser vista com cuidado e ressalvas; geralmente esta interpretação é dada por terceiros, os quais nem sempre julgam o fato sob bases objetivas. A falsa impressão de que os ataques são formas de resolução dos problemas não deve proceder, pois os problemas sociais não explicam por si só os tiroteios<sup>29</sup>.

No Brasil, em março de 2019, dois jovens invadiram a Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, mataram cinco estudantes e duas funcionárias. Os agressores invocaram Columbine no momento do ataque como um paradigma de superação. Mais uma vez, as redes mobilizam jovens adeptos, inspirando-os a atos violentos<sup>30</sup>.

Analisando a tipologia de 10 crimes ocorridos em escolas, Peter Langman classificou os atiradores em três grupos: traumatizados, psicóticos e psicopatas. Dos 10 casos estudados, o autor concluiu que três atiradores eram traumatizados, que compartilhavam relações familiares insalubres e lares desfeitos, com pais usuários abusivos de drogas e violentos; os três tinham histórias de maus-tratos físicos e de violência sexual prévias. Cinco atiradores psicóticos foram diagnosticados com transtorno do espectro esquizofrênico (esquizofrenia e transtorno de personalidade esquizotípica) sem ambiente familiar desfavorável e sem antecedente de abuso. Os dois atiradores psicopatas não tinham história pregressa de abuso nem de surto psicótico; eles eram pessoas narcisistas, sem empatia, sem consciência e tinham comportamentos sádicos. Os fatores extrínsecos podem gerar comportamentos violentos, tais como, estrutura familiar, modelos de comportamento e influência dos pares<sup>31</sup>.

Mears et al., 2017, citaram alguns fatores que, de alguma forma, foram atribuídos ou associados à justificativa do comportamento violento do atirador, mas o autor ratifica que nenhum deles, isoladamente ou não, exerce influência sobre a probabilidade de tiroteios em escolas, conforme<sup>32</sup>:

*Bullying* – discutido anteriormente que não se trata de condição essencial.

Doença mental

Vitimização física ou sexual prévia

Ideação suicida

Isolamento social

Estilo gótico

Ambiente familiar inadequado e pais ausentes ou violentos

Exposição a jogos violentos (especialmente, os vídeos-games)

Predileção por músicas com teor violento ou que faça apologia à violência

Personalidade “hipermasculina”

Interesse por armas.

Em 2017, Langman et al. publicaram artigo sobre os cinco conceitos errados sobre os atiradores em escola: (1) todos os atiradores em escola têm o mesmo padrão; (2) os atiradores são solitários e intimidados (*bullied*); (3) os atiradores são doentes mentais; (4) protocolos de treinamentos em escolas para enfrentar ataques são suficientes; e (5) os tiroteios nas escolas não podem ser previstos<sup>33</sup>.

Após o ocorrido em Columbine (1999), muitas narrativas sobre o tema foram expressas em filmes e documentários, alguns tornando os atiradores com certo *glamour*. O entendimento do ato do atirador deve ser analisado no aspecto simbólico dele; a mensagem não se restringe apenas às vítimas, mas sim a um público mais amplo, tendo a imprensa um papel importante na dissipação do crime de forma reducionista e até perigosa<sup>28,34</sup>.

### **Acessibilidade às armas nas escolas e a influência das redes sociais**

Dados publicados pelos *Centers for Disease Control and Prevention* (CDC), de 2016, mostraram que 7,8% dos alunos do nono ao décimo segundo ano se envolveram em luta física em 2015, e que 4,1% portaram arma na escola nos últimos trinta dias que antecederam a pesquisa<sup>35</sup>.

Levantamento realizado pelo Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp) apontou aumento em casos de violência nas escolas que foram impetrados contra professores e alunos. Em 2017, 51% dos professores foram agredidos, e em 2019, a porcentagem passou para 54%, entretanto, o aumento foi expressivo quando é considerado o ano de 2014 quando a taxa percentual foi de 44%. As principais formas de agressão envolvendo professores foi a verbal (48%), assédio moral (20%), *bullying* (16%), agressão física (5%). Quanto aos alunos, 37% relataram que foram vítimas de agressão em 2019; em 2017 a taxa foi de 39% e em 2014, de 28%. A forma mais habitual do agressor foi citada

como *bullying* (22%), agressões verbais (17%) e físicas (7%), discriminação (6%)<sup>36</sup>.

Estudo colombiano com 1.462 alunos com idade entre 13 e 17 anos mostrou que 56,16% relataram terem iniciado brigas, e 20,4% portaram armas na escola<sup>37</sup>. A explicação para esse elevado número de alunos armados pode pairar sobre uma sociedade que exerce influência sobre os jovens do sexo masculino, incentivando-os a se tornarem violentos para provar sua masculinidade e, assim, se sentirem valorizados; outro aspecto consiste na facilitação ao acesso a armas<sup>33</sup>.

O interesse de alunos por armas tem sido relacionado com os ataques às escolas. Segundo o *National Threat Assessment Center*, 2019, mais de 71% dos atiradores têm conhecimento prévio do uso de armas (pistolas, rifles, espingardas e outras armas de fogo imitadas, como armas BB, armas de *airsoft* e *paintball*), e 37 % tinham experiência com arma branca, e 31% tanto com armas de fogo quanto com armas brancas. Quase metade dos atiradores manifestaram interesses incomuns e exacerbados por armas, produziram desenhos de alunos mortos utilizando mídia gráfica, produziram redações ou diários demonstrando fascínio por armas<sup>38</sup>.

A discussão sobre os efeitos das exemplificações de atos violentos mostrados na mídia, nos filmes, nos videogames e nas músicas pode contribuir ou até estimular a violência, e é tema que atualmente tem sido priorizado. Não é possível simplificar os fatores causais, posto que são múltiplos e, por vezes, sobrepostos.

Dowdell et al., 2022, analisaram 25 reportagens de atiradores em escola entre 2013 e 2019 e concluíram que 88% dos atiradores tinham no mínimo uma conta

em mídia social, 76% postaram conteúdos contendo mensagens perturbadoras sobre armas, 72% reportaram pelo menos uma experiência adversa na infância, e 60% informaram que sofreram *bullying* pessoalmente ou pela internet<sup>39</sup>.

Estudo recente analisou a relação entre *bullying* e o uso de armas de fogo em escolas, e a conclusão dos autores mostra que a chance de jovens submetidos a *bullying* portarem armas nas escolas é significativa, com maior predomínio do sexo masculino em relação ao feminino. Outra consideração dos autores se refere ao fato de que os atiradores em escola na maioria é masculina e vivenciou algum tipo de *bullying*, ilustrando o que os autores especificaram como que “as estimativas de diferenças de risco ajustadas e interações aditivas devem ser relatadas para pesquisa de violência interpessoal”<sup>40</sup>.

## CONCLUSÃO

Não é possível estabelecer que o *bullying*, isoladamente, seria justificativa da motivação dos atiradores em escola; diversos fatores podem estar envolvidos. Comportamentos suspeitos precisam ser analisados e identificados precocemente pelos familiares e dirigentes escolares, uma vez que a maioria dos estudos aponta que os atiradores expressam o desejo explícito antes de consumá-los. Certamente, o *bullying* faz parte desse contexto, mesmo não sendo entendido como o principal representante de estímulo para o crime, ele é um dos elementos mais prevalentes de vivências dos atiradores, assim como as problemáticas familiares que estão incluídas dentre às do rol de motivações ao crime.

---

Khozam KT, Miziara CSMG, Miziara ID. Behavioral analysis of school shooters and bullying. *Saúde, Ética Justiça (Online)*. 2022;27(2):75-83.

**ABSTRACT:** School shooters author a rare phenomenon, but one with significant media impact. No simplistic explanations or single profile can predict such actions. The aggressor's motivations are uncertain, and victims are mostly random. Through a narrative review of the literature, different aspects related to the behavior of shooters and the intrinsic relationship with bullying were addressed. The results showed an evolution in the pattern of understanding. The first studies showed a relationship between the aggressive behavior of the shooters in schools and their experiences of loneliness, helplessness, and feeling misunderstood, verging on the victimization of the perpetrators. More recent studies still acknowledge bullying but further include additional factors that deserve to be analyzed by parents and school guardians.

**KEYWORDS:** Bullying; Weapons; Schools; Violence; Crime.

---

## REFERÊNCIAS

1. Akiba M, Letendre DK. Student victimization: national and school system effects on school violence in 37 nations. *Am Edu Resear J Win* [Internet]. 2002 [Acesso em 2023 abr. 8];39(4):829-53. DOI: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.3102/00028312039004829>
2. O'Toole ME. The school shooter: A threat assessment perspective [Internet]. Quantico, Virginia: FBI Academy [Acesso em 2023 abr. 8]. Disponível em: <https://www.fbi.gov/file-repository/stats-services-publications-school-shooter-school-shooter>
3. Christensen W. Rampage: the social roots of school shootings. *Qual Sociol*. 2005;28:315-9. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11133-005-6373-x>
4. U.S. Department of Justice. Federal Bureau of Investigation. Active shooter incidents in the United States in 2021

- [Internet]. Washington, D.C.; 2022 [Acesso em 2023 jan. 13]. Disponível em: <https://www.fbi.gov/file-repository/active-shooter-incidents-in-the-us-2021-052422.pdf/view>
5. St. George D. School shootings rose to highest number in 20 years, federal data says [Internet]. Washington, D.C.; 2022. [Acesso em 2023 abr. 08]. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/education/2022/06/28/school-shootings-crime-report/>
  6. d'Avila C. Como a violência passou a ser vista como um problema de saúde pública após a redemocratização [Internet]. Brasília, DF; 2021. [Acesso em 2023 abr. 8]. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/a-violencia-como-questao-de-saude-publica/>
  7. Arseneault L, Bowes L, Shakoor S. Bullying victimization in youths and mental health problems: 'Much ado about nothing'? *Psychol Med*. 2010;40:717-29. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0033291709991383>
  8. Agência Senado. Violências nas escolas: especialistas reforçam importância de acolhimento de estudantes [Internet]. Brasília, DF; 2022. [Acesso em 2023 mar 2]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/06/08/violencia-nas-escolas-especialistas-reforcaram-importancia-de-acolhimento-de-estudantes#:~:text=Em%202019%2C%20mais%20da%20metade,de%20viol%C3%Aancia%20na%20pr%C3%B3pria%20escola>
  9. Saha LJ. Bullying, school violence and student distress [Editorial]. *Soc Psychol Educ*. 2007;10(1):1-3. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11218-007-9022-2>
  10. Olweus D. School bullying: development and some important challenges. *Annu Rev Clin Psychol*. 2013;9:751-80. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
  11. Olweus D. Bullying at school: basic facts and effects of a school based intervention program *Child Psychol Psychiat* 1994;35(7):1171-90. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1994.tb01229.x>
  12. Lugones-Botell M, Bermúdez MR. Bullying: aspectos históricos, culturales y sus consecuencias para la salud. *Revista Cubana de Medicina General Integral* [Internet]. 2017 [Acesso em 2023 abr. 8];33(1):154-62. Disponível em: <https://revmgi.sld.cu/index.php/mgi/article/view/277/132>
  13. Nações Unidas. Um em cada três alunos em todo o mundo foi vítima de bullying. 2020. [Acesso em 2023 abr. 8]. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/11/1731802>
  14. Hymel S, Swearer SM. Four decades of research on school bullying: an introduction. *Am Psychol*. 2015;70(4):293-9. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0038928>
  15. Tokarnia M. IBGE: um em cada dez estudantes já foi ofendido nas redes sociais [Internet]. Rio de Janeiro, RJ; 2021. [Acesso em 2023 abr. 8]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/ibge-um-em-cada-dez-estudantes-ja-foi-ofendido-nas-redes-sociais>
  16. Brasil. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – 2019 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2021. [Acesso em 2023 fev. 15]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>
  17. Currie C, Zanotti C, Morgan A, Currie D, de Looze M, Roberts C, et al. Social determinants of health and well-being among young people. *Health Behaviour in School-aged Children (HBSC)* study: international report from the 2009/2010 survey [Internet]. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe; 2012. [Acesso em 2023 abr. 12]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/326406>
  18. García-García J, Ortega E, De la Fuente L, Zaldívar F, Gil-Fenoy M J. Systematic review of the prevalence of school violence in Spain. *Procedia Soc Behav Sci*. 2017;237:125-9. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2017.02.052>
  19. Wolke D, Tippet N, Dantchev S. Bullying in family: sibling bullying. *Lancet Psych*. 2015;2(10):917-29. DOI: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00262-X](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00262-X)
  20. Giumetti GW, Kowalski RM. Cyberbullying via social media and well-being. *Curr Opin Psychol*. 2022;45:101314. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101314>
  21. Freire I, Alves MM, Breia AP, Conceição D, Fragoso L. Cyberbullying e ambiente escolar: um estudo exploratório e colaborativo entre a escola e a universidade. *Rev Port Pedag*. 2013;47(2):43-64. DOI: [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_47-2\\_3](https://doi.org/10.14195/1647-8614_47-2_3)
  22. Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto-Lei nº. 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal [Internet]. Rio de Janeiro, RJ; 1940. [Acesso em 2023 mar. 23]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm)
  23. Brasil. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 14.132, de 31 de março de 2021. Acrescenta o art. 147-A ao Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o crime de perseguição; e revoga o art. 65 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais [Internet]. Brasília, DF; 2021. [Acesso em 2023 mar. 23]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2021/Lei/L14132.htm#art2](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14132.htm#art2)
  24. United States. Office of the Federal Register, General Services Administration. Public Papers of the Presidents of the United States: Dwight D. Eisenhower (1954) [Internet]. Office of the Federal Register, National Archives and Records Administration. [Acesso em 2023 mar. 23]. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/app/details/PPP-1954-book1>
  25. Flannery DJ, Fox JA, Wallace L, Mulvey E, Modzeleski W. Guns, school shooters, and school safety: what we know and directions for change. *School Psych Rev*. 2021;50(2-3):237-53. DOI: <https://doi.org/10.1080/2372966X.2020.1846458>

26. Borum R, Cornell DG, Modzeleski W, Jimerson SR. What can be done about school shootings? A review of the evidence. *Educ Res.* 2010;39(1):27-37 DOI: <https://doi.org/10.3102/0013189X09357620>
27. Anderson RN. Deaths: leading causes for 1999. *National Vital Statistics Report* [Internet]. 2001 [Acesso em 2023 abr. 12];49(11):1-88. Disponível em: [https://www.cdc.gov/nchs/data/nvsr/nvsr49/nvsr49\\_11.pdf](https://www.cdc.gov/nchs/data/nvsr/nvsr49/nvsr49_11.pdf)
28. Raitanen J, Sandberg S, Oksanen A. The bullying-school shooting nexus: bridging master narratives of mass violence with personal narratives of social exclusion. *Deviant Behav.* 2019;40(1):96-109. DOI: <https://doi.org/10.1080/01639625.2017.1411044>
29. Ferguson CJ, Coulson M, Jane Barnett J. Psychological profiles of school shooters: positive directions and one big wrong turn. *J Police Crisis Negot.* 2011;11(2):141-58. DOI: <https://doi.org/10.1080/15332586.2011.581523>
30. Pinto Neto M. Suzano: a educação na mira dos massacres lumpenradicais. *Dialogia.* 2019;33:178-91. DOI: <https://doi.org/10.5585/Dialogia.n33.13790>
31. Langman P. Rampage school shooters: a typology. *Aggress Violent Behav.* 2009;14(1):79-86. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2008.10.003>
32. Mears DP, Moon MM, Thielo AJ. Columbine revisited: myths and realities about the bullying-school shootings connection. *Vict Offender.* 2017;12(6):939-55. DOI: <https://doi.org/10.1080/15564886.2017.1307295>
33. Langman P, Petrosino A, Persson H. Five misconceptions about school shootings [Internet]. San Francisco, CA: West Ed; 2018. [Acesso em 2023 abr. 15]. Disponível em: <https://www.wested.org/wp-content/uploads/2018/08/JPRC-Five-Misconceptions-Brief.pdf>
34. Kiilakoski T, Oksanen A. Soundtrack of the school shootings: cultural script, music and male rage. *Young.* 2011;19(3):247-69. DOI: <https://doi.org/10.1177/110330881101900301>
35. Kann L, McManus T, Harris WA, Shanklin SL, Flint KH, Hawkins J, et al. Youth risk behavior surveillance — United States, 2015. *MMWR Surveill Summ.* 2016;65(6):1-174. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss6506a1>
36. Jornalistas Livres. Pesquisa indica aumento de casos de violência nas escolas públicas de São Paulo [Internet]. São Paulo, SP; 2019. [Acesso em 2023 jan. 12]. Disponível em: <http://www.apecesp.org.br/noticias/noticias-2019/pesquisa-indica-aumento-de-casos-de-violencia-nas-escolas-publicas-de-sao-paulo/>
37. Jiménez-Villamizar MP, Campo-Arias A, Caballero-Domínguez CC. Carrying weapons at school: prevalence and associated factors in Colombian high-school students. *Psychol School.* 2022;59(11):2317-26. DOI: <https://doi.org/10.1002/pits.22697>
38. National Threat Assessment Center. Protecting America's schools: A U.S. Secret Service analysis of targeted school violence [Internet]. Washington, D.C.: Department of Homeland Security; 2019. [Acesso em 2023 abr. 12]. Disponível em: [https://www.secretservice.gov/sites/default/files/2020-04/Protecting\\_Americas\\_Schools.pdf](https://www.secretservice.gov/sites/default/files/2020-04/Protecting_Americas_Schools.pdf)
39. Dowdell EB, Freitas E, Owens A, Greenle MM. School shooters: patterns of adverse childhood experiences, bullying, and social media. *J Pediatr Health Care.* 2022;36(4):339-46. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pedhc.2021.12.004>
40. Pontes NMH, Pontes M. Additive interactions between school bullying victimization and gender on weapon carrying among U.S. high school students: youth risk behavior survey 2009 to 2015. *J Interpers Violence.* 2021;36(19–20):NP10886-NP10907. DOI: <https://doi.org/10.1177/0886260519877945>

Recebido em: 25/11/2022

Aprovado em: 08/12/2022